

TIGRES SOB UM CÉU VERMELHO

LIZA KLAUSSMANN

# TIGRES SOB UM CÉU VERMELHO

Tradução de  
ANA CUNHA RIBEIRO



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2013

## 1945: SETEMBRO

— Não sei se é uma bênção ou uma maldição — disse Helena.

— Seja o que for, é diferente — asseverou Nick. — Acabaram-se as malditas senhas de racionamento. Já não temos de ir de autocarro para todo o lado. O Hughes diz que comprou um *Buick*. Aleluia.

— Sabe Deus onde o arranjou — retorquiu Helena. — Provavelmente nalgum trapaceiro.

— Quero lá saber — replicou Nick, esticando os braços preguiçosamente em direção ao céu de Nova Inglaterra.

Nick e Helena estavam sentadas, em combinação, no quintal da sua casa em Elm Street, a beber gim em copos antigos. Ninguém em Cambridge se recordava de um setembro tão quente como aquele.

Nick olhou para o gira-discos que se encontrava no parapeito da janela num equilíbrio precário. A agulha saltava.

— Está demasiado calor para fazer outra coisa que não seja beber — disse ela, recostando a cabeça na cadeira enferrujada do jardim. Louis Armstrong não parava de repetir que tinha o direito de cantar *blues*. — Quando chegar à Florida, a primeira coisa que vou pedir ao Hughes é que me compre agulhas boas.

— Esse homem — suspirou Helena.

— Eu sei — disse Nick. — É realmente muito bonito. E tem um *Buick* e boas agulhas para gira-discos. O que mais pode uma rapariga ambicionar?

Helena riu-se para dentro do copo e sentou-se.

— Acho que estou bêbeda.

Nick pousou o copo bruscamente no braço da cadeira, provocando uma ligeira vibração.

— Podíamos dançar.

No quintal, o carvalho dividia a Lua em mil pedaços e o céu tinha já a cor da noite escura, apesar do calor que se fazia sentir. A fragrância do verão permanecia, como se ninguém tivesse avisado a natureza de que estávamos em meados de setembro. Nick ouvia os devaneios noturnos da mulher que vivia na casa de três andares situada ao lado da sua. Experimentando a novidade da semana.

Olhou para Helena, que rodopiava na relva. Com o corpo como um violoncelo polido e todos os admiradores que tivera no período da guerra, podia ter-se transformado noutra espécie de mulher. Mas a prima conseguira manter toda a sua frescura, os caracóis loiros e a pele macia. Não ficara com a pele macilenta das mulheres que dormiram com demasiados desconhecidos, que acabaram destroçados por minas ou perfurados por balas *Schmeisser*. Nick vira essas mulheres a definharem nas filas de racionamento ou a sair das estações de correios, ameaçando desaparecer no meio do nada.

Mas Helena ia casar-se novamente.

— Vais casar outra vez — exclamou Nick, meio inebriada, como se o pensamento tivesse acabado de lhe ocorrer.

— Eu sei. Consegues acreditar? — Helena suspirou. Tinha a mão quente pousada sobre as costas da prima. — Senhora Avery Lewis. Achas que soa tão bem como senhora Charles Fenner?

— Soa lindamente — mentiu Nick, afastando Helena e fazendo-a rodopiar.

Aos seus ouvidos, Avery Lewis soava precisamente como aquilo que era: um simples vendedor de seguros em Hollywood que fingia ter tido um relacionamento com Lana Turner ou outra atriz qualquer de que estava constantemente a falar.

— Sabes, provavelmente, o Fen ia gostar dele.

— Ah, não. Ele ia odiá-lo. O Fen era um miúdo, um doce de miúdo.

— Querido Fen.

— Querido Fen. — Helena parou de dançar e voltou para junto do copo de gim, que a esperava na cadeira. — Mas agora tenho o Avery. — Deu um gole. — Vou morar para Hollywood e talvez tenha um bebé. Pelo menos não me transformo numa velha solteirona doida varrida e com verrugas no nariz como as bruxas. Ou num pau de cabeleira sempre ao teu lado e de Hughes. Deus nos livre.

— Nem pau de cabeleira nem verrugas, e ainda por cima tens um Avery Lewis.

— Sim, agora vamos ter algo que é nosso. E é isso que importa — disse Helena, pensativa. — Mas pergunto-me... — A voz dela quebrou-se.

— Perguntas o quê?

— Bom, se... se vai ser igual com o Avery. Percebes, se vai ser como era com o Fen.

— Referes-te a sexo? — Nick voltou-se rapidamente para olhar para a prima. — Diabos me levem. A casta Helena referiu-se efetivamente ao ato?

— Tu é que referiste — contrapôs Helena.

— Eu sei — confirmou Nick.

— Estou bêbeda — disse Helena. — Mas o Fen foi o único rapaz que amei. Quero dizer, antes do Avery. Mas o Avery é um homem.

— Bom, se o amas, tenho a certeza de que vai ser maravilhoso.

— Sim, claro, tens razão. — Helena bebeu o resto do gim. — Oh, Nick, nem acredito que está tudo a mudar. Fomos tão felizes aqui, apesar de tudo.

— Não fiques chorosa. Vamos ver-nos todos os verões. A não ser que o teu novo marido seja alérgico à Costa Leste.

— Iremos para a ilha, sim. Como as nossas mães: uma casa ao lado da outra.

Nick sorriu, pensando na Casa do Tigre, nos quartos arejados, no relvado verde a perder de vista até ao azul do porto. E na pequena casa docemente aninhada ao lado e que o seu pai construía para oferecer à mãe de Helena de presente.

— Casas, maridos e festas com gim à meia-noite — disse Nick. — Nada vai mudar. No que realmente interessa. Como sempre.

O comboio de Boston atrasara-se e Nick teve de abrir caminho através da multidão que corria na Penn Station, no meio da confusão de bagagens, chapéus, beijos e bilhetes perdidos. Por aquela altura Helena já devia ter atravessado metade do país. Nick fechara o apartamento e dera as últimas instruções à senhoria. Deveria enviar as caixas com romances e poesia para a Florida e as malas cheias de espartilhos para Hollywood.

Entrou no comboio e cheirou-lhe a lixívia e a excitação. O *Havana Special*, que faz a ligação entre Nova Iorque e Miami, era a sua primeira viagem, sozinha, durante a noite. Nick pressionou o nariz contra o pulso e inalou a essência do seu perfume de lírios-do-vale. Naquela vertigem,

quase se esqueceu de dar gorjeta ao bagageiro. No seu compartimento, pousou a mala de pele na prateleira e abriu-a, verificando o seu conteúdo mais uma vez para se certificar de que não se esquecerá de nada. Um pijama para o comboio (branco) e outro para Hughes (verde, com um robe a condizer), duas combinações de seda cor de marfim, três conjuntos de cuecas e sutiãs da mesma cor (podia lavá-los dia sim, dia não, até o resto das coisas chegarem a Saint Augustine), a bolsa de *toilette* (o perfume de viagem, um batom vermelho, o excepcional creme de mãos da Floris que Hughes lhe trouxera de Londres, uma escova de dentes e pasta, uma toalha de rosto e o sabão *Ivory*), dois vestidos e duas blusas de algodão, um par de calças de gabardina (as calças à Katharine Hepburn), duas saias de algodão e um bom fato de lã leve (de cor creme). Contou também três pares de luvas de algodão (duas brancas e umas cremes) e o lenço verde e rosa da sua mãe.

A mãe adorava aquele lenço. Usava-o sempre que viajava para a Europa. Agora pertencia a Nick. E, apesar de não ir para um lugar tão distante como Paris, ir encontrar-se com Hughes — que não via há muito — era como ir à China.

— De ora em diante, navegamos por mares desconhecidos — disse para as malas.

Nick ouviu o apito do comboio, fechou a mala e sentou-se no banco acolchoado. Agora que a guerra terminara, a cena que lhe chegava através das janelas do comboio, de mulheres que acenavam com lenços e crianças de olhos vermelhos, afetava-a menos. Ninguém partia para a morte, iam apenas para casa de alguma tia velha ou para algum compromisso laboral aborrecido. Para ela, pensou, era emocionante; o mundo era novo e ia ter com Hughes. Hughes. Sussurrou o seu nome como se fosse um talismã. Agora que se encontrava apenas a um dia de estar com ele, pensava que a espera podia levá-la à loucura. Era curioso como as coisas funcionavam. Esperara seis meses, mas as últimas horas eram insuportáveis.

A última vez que estiveram juntos foi na primavera, quando o navio de escolta de Hughes atracara em Nova Iorque para reparações e ele tivera uma licença. Permaneceram a bordo do *USS Jacob Jones*, num dos quartos destinados aos oficiais casados. O quarto tinha pulgas e, mal ele lhe enfiou a mão por baixo da saia, os tornozelos dela começaram a arder. Tentara concentrar-se nas pontas dos dedos que a tocavam e nos lábios que lhe beijavam o pescoço, mas acabara por gritar.

— Hughes, está qualquer coisa na cama.

— Pois está, meu Deus.

Correram os dois para o chuveiro, onde se aperceberam de que tinham as pernas cheias de babas vermelhas e inchadas e a água no ralo parecia uma poça de pimenta. Hughes maldisse o navio e a guerra. Nick interrogou-se se ele teria reparado no seu corpo nu. Porém, ele voltou-lhe as costas e começou a ensaboar-se.

Mas ele levava-a ao 21 Club. Fora um daqueles momentos em que parecia que o mundo inteiro conspirava pela felicidade de ambos. Hughes, que nunca aceitara dinheiro dos pais e não permitia que Nick gastasse o seu, não ganhava o suficiente como segundo-tenente para pagar uma refeição ali. Mas ele sabia quanto ela adorava histórias de *gangsters* de fatos de seda e das suas glamorosas namoradas, que ali se divertiam durante a Lei Seca.

— Só podemos pedir dois martínis, azeitonas e aipo — disse-lhe.

— Nem sequer temos de ir se não podemos gastar esse dinheiro — contrapôs Nick, olhando para o rosto do marido. Ele estava triste. Triste e algo mais que ela não conseguia vislumbrar.

— Não — disse ele. — Pedimos isto e depois saímos.

Entraram no bar de painéis escuros, onde uma coleção de brinquedos e artefactos de caça pendia do teto. Nick sentiu imediatamente o impacto da sua juventude e beleza. Sentiu os olhares dos homens e mulheres sentados às pequenas mesas perpassarem o seu vestido vermelho de xantungue e fitarem o seu cabelo preto, curto e espesso. Uma das coisas que ela adorava no marido era o facto de nunca ter querido que se parecesse com as falsas loiras, que eram o modelo de beleza popular na época. E ela não se parecia com elas. Tinha uma aparência demasiado séria e feições demasiado irregulares para ser considerada bonita. Por vezes, parecia que travava uma batalha sem fim contra o mundo na tentativa de provar que, na sua diferença, era especial, discreta. Mas ali, no célebre 21 Club, com a sua atmosfera urbana, sentiu-se segura. Era um local povoado de mulheres estilizadas, de olhos inteligentes, como comboios de alta velocidade. E ali estava Hughes, tão louro, com as suas mãos elegantes, pernas longas e farda azul da Marinha.

O empregado sentou-os na mesa 29. À direita, encontrava-se outro casal. A mulher fumava e apontava para as linhas de um pequeno livro.

— Nesta linha, vejo o filme todo — dizia.

— Sim — respondia o homem, com um ligeiro tom de incerteza.

— E, de certa maneira, é tão Bogart.

— Parece que ele era a escolha lógica — comentou o homem.

Nick olhou para Hughes. Queria transmitir-lhe como o amava por tê-la levado ali, por gastar tanto dinheiro para tomarem apenas uma bebida, por deixá-la ser ela mesma. Tentou irradiar tudo isto no seu sorriso. Ainda não queria falar.

— Sabes que mais? — comentou a mulher, subindo repentinamente o tom de voz. — Estamos na mesa deles. Já te apercebeste de que estamos na mesa deles e de que estamos a falar deles?

— Estamos, a sério? — perguntou o homem, que bebeu mais um gole de uísque.

— Ah, isto é completamente 21 — disse ela, rindo.

Nick olhou em redor.

— De quem achas que é a mesa? — sussurrou a Hughes, atrás da mão enluvada.

— Desculpa? — disse ele, distraído.

— Eles disseram que estavam na mesa de alguém. De quem?

Nick apercebeu-se de que a mulher olhava para eles. Ela ouvira-a e vira-a tentar esconder a curiosidade com a mão. Nick corou e olhou para a toalha de xadrez vermelho e branco.

— É a mesa de Humphrey Bogart e Lauren Bacall, querida — disse a mulher, com gentileza. — O primeiro encontro deles foi nesta mesa. É uma das coisas de que se gabam por aqui.

— A sério? — Nick tentou falar num tom entre o educado e o desinteressado. Passou as mãos pelo cabelo bem penteado e sentiu a suavidade da camurça a desembaraçá-lo da laca.

— Oh, Dick, vamos dar-lhes a mesa. — A mulher riu-se novamente. — São namorados?

— Sim — respondeu Nick, sentindo-se arrojada, sofisticada. — Mas também somos casados.

— Isso é uma raridade — gracejou o homem.

— É, de facto — disse a mulher. — E merece a mesa de Bogart e Bacall.

— Por favor, não queremos incomodá-los — disse Nick.

— Que disparate — replicou o homem, pegando no seu uísque e no *cocktail* de champanhe da mulher.

— Francamente, a minha mulher importunou-vos — disse Hughes. — Nick...

— Não, nós adorámos — interrompeu a mulher. — Ela é encantadora.

Nick olhou para Hughes, que lhe sorriu.

— Pois é — anuiu ele. — Vamos, querida. Estamos a mudar por tua causa.

O martíni que acabara de chegar fez Nick recordar o mar e a sua casa na ilha — puro, salgado e absolutamente familiar.

— Hughes, este deve ter sido o melhor jantar que já tive. A partir de agora, só quero martínis, azeitonas e aipo.

Hughes afagou-lhe o rosto.

— Lamento por tudo.

— Como podes dizer isso? Olha onde estamos.

— Temos de pedir a conta — disse ele, acenando ao empregado de mesa.

— Está tudo bem, senhor?

— Tudo ótimo. Pode trazer-nos a conta, por favor? — Hughes olhava para a porta. Não para Nick, para o seu vestido vermelho ou para o seu cabelo preto, brilhante, que ela tivera de manter preso numa rede quando viajara de comboio de Cambridge até à Penn Station.

O empregado de mesa afastou-se.

Nick remexia na sua bolsa porque não queria olhar para Hughes. O casal com quem tinham trocado de mesa fora-se embora, apesar de a mulher ter encolhido os ombros e piscado o olho a Nick quando se levantou. Nick tentou evitar questionar-se sobre o que estaria Hughes a pensar. Havia tanta coisa que não sabia dele, que não conhecia realmente. E, apesar de querer sempre confrontá-lo, abrir a ferida num movimento hábil e espreitar para dentro, o seu lado instintivo dizia-lhe que era a maneira errada de proceder com ele.

— Senhor, senhora. — Nick olhou para cima. Um homem que parecia uma morsa estava junto da mesa. — Sou o gerente. Passa-se alguma coisa de errado?

— Não — respondeu Hughes, olhando em redor, provavelmente à procura do empregado de mesa. — Limitei-me a pedir a conta...

— Eu sei — disse o homem. — Talvez não estivesse informado, mas o jantar... — e fez uma pausa, permitindo que o bigode mostrasse todo o seu efeito —, hoje, para a Marinha, é por conta da casa.

— Desculpe? — disse Hughes.

— Filho — o homem-morsa sorriu —, o que posso servir-lhe?

Nick riu-se.

— Um bife, por favor, um bife — respondeu ela, e tudo o resto desapareceu.

— Um bife para a senhora — repetiu o homem, e continuou a olhar para Hughes.

Hughes fez um esgar e, de repente, Nick viu o rapaz com quem casara escondido atrás do homem intocável que voltara para ela. Um rapaz que envergava uma farda extraordinariamente engomada e com um colarinho rígido como cartão. E viu a sua situação, que era igual à de toda a gente.

— Um bife, se encontrar algum nesta cidade ou mesmo neste país — disse Hughes. — Não acredito que ainda existam.

— No 21 Club ainda existem, senhor, como é habitual — retorquiu o homem-morsa, que estalou os dedos para o empregado de mesa. — Mais dois martínis para o senhor da Marinha.

Mais tarde, foram novamente as pulgas. Hughes estava cansado por causa do bife, dissera-lhe. Nick dobrou o vestido vermelho e vestiu a camisa de dormir preta, que ele não veria no escuro. Permaneceu deitada na cama, a ouvir o barulho produzido pelos homens que reparavam o navio na doca. O martelar no aço semelhante ao martelar vazio do seu coração.

Tinham acabado de passar por Newark quando Nick decidiu ir até ao bar do comboio. Embalara três ovos cozidos e uma sanduíche de fiambre, para não ter de gastar três dólares no vagão-restaurante. Mas não conseguira resistir à atração do bar do *Havana Special*. Este comboio era anunciado como servindo todas as «novas bebidas», e Nick reservara cinquenta cêntimos para extras.

O *Havana Special*. Sem o marido, a mãe ou a prima. Podia ser quem quisesse. Ajeitou a saia cinzenta e pôs batom. Olhou-se ao espelho, um caracol escuro tapava-lhe o olho esquerdo. Estava prestes a sair para o corredor quando se lembrou das luvas. Calçou-as e cheirou mais uma vez o pulso antes de fechar a porta atrás de si.

Quando entrou no bar, com o seu balcão arredondado de madeira e os assentos baixos e estofados cor de vinho, dispostos em torno de pequenas mesas, Nick sentiu uma gota de suor alojar-se entre os seios. Passou a mão enluvada pelo lábio superior, mas arrependeu-se do gesto. Um empregado aproximou-se e indicou-lhe uma mesa. Sentou-se, pediu um martíni com azeitonas e interrogou-se se lhe cobriam mais por isso. Afastou a cortina de feltro bege e olhou pela janela, para a noite.

Foi confrontada com o seu reflexo. Viu um homem de casaco azul que se encontrava atrás dela e a fitava. Tentou perceber se ele era atraente, mas um comboio que passou entretanto ocultou-lhe a imagem.

Afastou-se da janela e cruzou as pernas, sentindo a fricção dos *collants* entre as coxas. O empregado de mesa trouxe-lhe a bebida, Nick pegou num cigarro e ele começou a procurar o seu isqueiro desajeitadamente. O homem que se encontrava do outro lado aproximou-se e acendeu um *Zippo* prateado. Os jovens que regressavam da guerra andavam todos com isqueiros daquela marca, como se fizessem parte da farda.

— Obrigada — disse Nick, sem tirar os olhos do cigarro.

— De nada.

O empregado desapareceu por detrás de uma parede de vidro fosco trabalhado. O homem permaneceu ali, de pé.

— Posso fazer-lhe companhia? — perguntou, sem que o seu pedido denotasse hesitação.

Nick apontou para o assento, sem levantar os olhos.

— Não vou ficar muito tempo — respondeu.

O homem sentou-se.

— Para onde vai?

— Para Saint Augustine.

Ele tinha o cabelo escuro, penteado para trás com brilhantina. Era bem-parecido, estilo Palm Springs. Talvez usasse demasiado perfume.

— Vou para Miami. Vou visitar os meus pais.

— Que bom para si — disse Nick.

— Pois — disse ele, sorrindo. — E você? Porquê Saint Augustine?

— Tenho lá um irmão. Vai acabar a sua comissão no barco e vou visitá-lo.

— Que bom para ele — disse o homem.

— Sim. — Desta vez, Nick retribuiu o sorriso.

— Chamo-me Dennis — disse ele, estendendo-lhe a mão.

— Helena — disse Nick.

— Como a montanha.

— Como a montanha. Original.

— Sou original. Só que ainda não me conhece bem.

— Se o conhecesse melhor, teria outra opinião?

— Quem poderá dizer? — Dennis acabou a bebida. — Vou beber mais qualquer coisa. Quer outra bebida, Helena?

— Não, obrigada — respondeu Nick.

— Estou a ver. Vou ter de beber sozinho. Mas é triste.

— Quem sabe, se ficar mais algum tempo, talvez arranje companhia.

— O martíni fazia-a sentir-se ousada.

— Não quero outra companhia — disse o homem. E suspirou. — Os comboios fazem-me sentir sozinho.

Nick estava consciente de que a noite passaria a correr ao som do aço a bater no aço.

— Sim — aquiesceu Nick. — Os comboios são solitários. — Pegou num cigarro. — Parece que vou aceitar a bebida.

O homem fez sinal ao empregado, que trouxe as bebidas, mas o martíni de Nick trazia apenas uma azeitona. Por algum motivo, isso deixou-a envergonhada.

— Como é o seu irmão?

— É amoroso — respondeu Nick. — E muito loiro.

— Nesse caso, não são parecidos.

— Não, não somos.

— É um felizardo por ter uma irmã como você.

— Acha? Não tenho a certeza de que ele se sinta assim tão felizardo.

— Gostava de ter uma irmã como você. — O homem fez um esgar.

Nick não gostou da maneira como ele disse aquilo nem do seu sorriso, como se houvesse cumplicidade entre eles. E, agora que estava tão próximo, apercebeu-se de que ele não era atraente. Tinha umas orelhas estranhas e pelos castanhos a saírem-lhe das narinas.

— Tenho de ir — disse ela, procurando manter o equilíbrio quando se pôs em pé.

— Ora, vá lá.

— Escusa de se levantar.

— Não fique melindrada. Eu estava a brincar.

Nick saiu do bar. Ele que pagasse as bebidas.

— Sempre que precisar de um amor fraterno — ouviu-o gritar atrás de si, rindo, até que a porta da carruagem o silenciou.

De volta ao compartimento, Nick arrancou praticamente a blusa ao tentar despi-la. Estava a ferver. Tirou a saia e ficou em cuecas e sutiã. Debruçou-se sobre o pequeno lavatório e salpicou o peito e o pescoço de água. Tinha a cabeça a latejar. Apagou a luz e abriu a janela para deixar entrar um pouco de ar fresco. Enquanto estivera na sala, tinham-lhe aberto a cama. Sentou-se nela e acendeu um cigarro. Quando acabou de o fumar, acendeu outro e encostou a cabeça à vidraça. A escuridão ia

passando. Ao fim de algum tempo deitou-se, com o cheiro a fumo ainda à sua volta.

Eram cinco da manhã quando o comboio parou em Richmond. O ruído de pessoas a entrar e a sair acordou-a. Não correra as cortinas e a janela ainda estava aberta.

— Raios — disse Nick, tentado levantar-se da cama para alcançar a cortina, ao aperceber-se de que continuava de cuecas e sutiã e de que os passageiros que entravam no comboio podiam vê-la. A cortina encontrava-se fora do seu alcance e, por isso, puxou uma que estava mais perto, escondendo-se atrás dela. De pé, tapada com o feltro verde, espreitou para fora. Nick pensou que podia detetar sinais do rio James. O ar era mais suave ali, no Sul. Não era como na Casa do Tigre, onde o mar a invadia de forma agressiva. E havia o cheiro a pinho, que eliminava os vestígios do martíni que bebera. Puxou a outra cortina e fechou-a. Depois de atar o cordão do robe em volta da cintura, chamou o empregado e pediu-lhe café.

Chegaria a Saint Augustine às onze da noite. Iria estar com Hughes. Teria sonhado com ele? Tentou lembrar-se. O empregado trouxe um café fumegante. Nick abriu as cortinas e bebeu-o, observando os passageiros ensonados que subiam a bordo rumo à Florida. Helena chegaria a Hollywood em breve. Interrogou-se como seria a casa de Avery Lewis. Meu Deus, esperava que Helena não estivesse a cometer um erro. Pobre Helena. A guerra mal começara quando recebera a notícia da morte de Fen — ele resistira apenas dois meses. Helena casara-se duas semanas antes de ele embarcar. Quem sabe como teria sido o seu casamento se ele tivesse sobrevivido. Eram duas crianças, e nenhuma delas tinha muito dinheiro.

A mãe de Helena, a tia Frances, também não fizera um casamento brilhante. Ainda assim, nunca pareceu infeliz por ter de se contentar com pouco. Nick nunca a ouvira lamentar-se por ter sido a sua irmã mais velha a única a herdar a Casa do Tigre e casar com um homem que fizera fortuna a produzir bobinas e carretéis, enquanto ela não tinha praticamente nada. Nunca lhe ocorrera que a sua tia poderia ter desejado que as coisas fossem diferentes. Mas pensando na surpreendente Helena, desejosa de se casar de novo porque era importante ter alguma coisa sua, como fez questão de dizer, levou Nick a perguntar-se se a tia Frances alguma vez teria desejado ter sido a única na casa grande.

Talvez não interessasse realmente. Afinal, Nick não conseguia lembrar-se de um verão que a tia Frances e a sua mãe não tivessem passado

juntas. Até mesmo depois da morte do pai de Helena, na época da Depressão, quando o seu pai morreu e a sua mãe estava muito mal. Nick deteve-se. Não queria pensar nisso.

Tirou dois ovos cozidos do saco de papel onde os transportara e partiu-os contra o peitoril da janela. Não, agora era tudo novo, como aquele ovo lúcido que aguardava para ser descascado. E era isso que ela ia fazer. Ela e Hughes iam fazê-lo juntos. Estava desejosa de o fazer, ia enfiar o mundo inteiro na boca e engoli-lo.